

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**Relatório final – Arte e política na contemporaneidade  
Paradoxos ou novas formas de se pensar a relação arte e política na  
contemporaneidade**

**Disciplina:  
IAU 0964 –Estética II**

**Docentes:**  
Prof. Ruy Sardinha

**Discentes:**  
Gabriela Nogueira Santos 11759612  
Julia Sanches Pereira 11759417  
Vinicius Pastori Montilha 11759438

**SÃO CARLOS  
2022**

**A partir da discussão realizada durante o semestre e em especial a constatação do esgotamento do conceito moderno de arte e de suas promessas, faça uma discussão sobre os paradoxos ou novas formas de se pensar a relação arte e política na contemporaneidade:**

“ ... não é difícil constatar que as transformações na própria ideia e no estatuto da arte são devidas tanto às mudanças da obra de arte, quanto aos efeitos de comunicação, com a sua difusão e conseqüente generalização do estético sob a crescente importância do aspecto econômico-social em todas as dimensões que a envolve - a criação, a circulação, a recepção, a crítica”

A partir dessa citação, podemos entender melhor o por que das interpretações, visões e promessas propostas pela Arte no decorrer dos anos e como estão sofrendo diversas transformações no mundo moderno, isso se dá devido ao tempo que elas foram realizadas, para quem elas foram direcionadas, ou seja, o seu público alvo, e por qual meio era previsto que circulasse. Atualmente, com os diversos meios de divulgação da Arte, como museus, plataformas digitais, exposições temporárias em locais públicos e privados, redes sociais de fácil acesso, entre outros, o alcance que a Arte abrange é completamente diferente do previsto pelas artes produzidas em tempos passados. Para Lyotard: “tudo depende da maneira como aquilo que é designado, como Arte é apresentada”, fala que resume e enfatiza o paradoxo que temos hoje em dia na compreensão do passado e do presente em relação aos diversos conteúdos e informações que nos circundam.

Não há como separarmos arte e política dos sistemas econômicos, histórico, social e cultural, uma vez que essa ligação de mostrar de maneira pertinente é essencial para a produção e compressão das artes. Diante disso e das inúmeras alterações que ocorreram e ainda ocorrem em nossa atualidade, como os diversos sistemas políticos, mudanças e crises econômicas e sociais, as artes são “moldadas” de acordo com o que se passa em determinado tempo. A título de exemplificação, podemos citar a forma de arte difundida no Brasil no período da Ditadura Militar, as quais apoiavam o sistema político da época regido por chefes de governo que desejavam e necessitavam fortemente dessa manipulação da sociedade para apoiá-los no poder. Como forma de combate a essas censuras,

novas manifestações artísticas e culturais foram surgindo de modo a frear tais modos impositivos, entretanto, mais uma vez, através do AI-5, tais formas artísticas que iam contra os interesses governamentais foram fortemente reprimidas.

Portanto, é de suma importância entender a arte, não de forma isolada, mas sim como um conjunto de elementos que englobam os mais variados segmentos da sociedade do mundo atual e como ela interferiu e ainda interfere ao longo do tempo na sociedade. Por conseguinte, é interessante entender como os artistas possuem grande relevância de modo a influenciar nos pensamentos atuais, por isso, fazê-los entender, que o seu papel está diretamente ligado a isso, e que suas atitudes merecem uma série de cuidados com atitudes, atividades e meios dos quais estão diretamente inseridos e essa é uma questão sensível dentro do conjunto da obra do artista, pelos variados significados que lhe podem ser atribuídos, mas ele discute, sobretudo, a situação social, econômica, política, cultural e demais camadas da sociedade. Desprendendo-se da análise do texto do filósofo e professor Celso Favaretto:

“A arte contemporânea, nesse contexto, não é, por certo, o conjunto do que se produz artisticamente no período em que vivemos, chama-se “arte contemporânea” o ato de transgressão da fronteira, que tende sempre a se instaurar, entre o que é admissível no campo da arte e o que não é, ou não o é ainda. Ultrapassar esse limite a fim de torná-la perceptível e consciente, eis o que é próprio de uma arte que, com ou sem razão, confiscou a denominação de “arte contemporânea”. Esse constante questionamento das fronteiras da admissibilidade artística - a interrogação constantemente renovada - é retomada pela dinâmica das relações entre o artista transgressivo, o público indignado e a instituição (galerias, museus, administração culturais, críticos...), esforçando-se por redesenhar uma fronteira ampliada”. (Favaretto, 2014)

Dessa maneira, conforme dito na citação anterior e durante as análises dos demais textos utilizados como referência para a elaboração do seguinte relatório, tem-se que a arte não possui a necessidade de apresentar questões do contemporâneo, nem tampouco de cada um dos seus contextos históricos dentro de uma caixa, isolá-la seria um grande erro, mas há, a necessidade, de se preocupar

para que não seja possível cometer o anacronismo. Assim, ao nos depararmos com as questões contemporâneas da arte, cultura e filosofia, devemos nos atentar a tais questões temporais e observarmos o que nos circunda nos dias atuais.

Agamben, outro importante filósofo italiano e autor de grandes obras que tratam sobre as questões estéticas ressalta que:

“pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequada às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual: mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo ...”.

Com isso, é possível dizer que a “arte contemporânea” não é representada como o conjunto do que se produz artisticamente no período em que vivemos. Na realidade, a “arte dita contemporânea” refere-se ao ato de transgressão da fronteira, que tende sempre a se reinstaurar, entre o que é admissível no campo da arte e o que não é, ou não ainda”.

Em síntese, novamente tratando das questões que tangem o paralelo entre arte e ação política e reforçando a primeira “questão”, apresentada, toda a arte, de forma geral, é potencialmente política porque, para além de sua função social, ela é uma forma de resistência, afeto, insubordinação, desperta o senso crítico e, é a tomada de consciência de que as pautas e bandeiras partidárias levantadas são menos relevantes do que o ato de existir em sociedade e nela insistir nas revoluções diárias. Às vezes, os pequenos e diferentes gestos, os instintos e a inscrição do instante, se tornam declarações políticas, de forma sucinta e minuciosa. Cabe aos artistas, como dito anteriormente, o registro e o cuidado sensível dessas “agoras” e aos historiadores, jornalista e demais campos que englobam esse meio, o permanente reexame dessas proposições.

A arte não deve ter necessariamente uma efetividade política de forma imediatista, ao contrário, deve buscar qualificar o modo pelo qual a política da arte implica sempre uma reconfiguração do sensível, do pessoal e nos obrigar a redefinir

e repensar os nossos modos de ver, falar, interpretar e analisar o real sem regras a priori. Tornar visível e perceptível não implica, necessariamente, em dizer como determinados acontecimentos devem ser, mas obrigar-se, de certa maneira, a percebê-la no que tem de singular e particular.

No âmbito atual, a estreita relação entre arte e política aprofunda-se ao considerarmos as atividades artísticas que se querem fazer políticas ou as práticas políticas que procuram suporte na estética. Alguns momentos podem ser destacados na origem do ativismo social que fazem parte desse propósito, esses pontos estão bastante presentes nos dias atuais, de forma que englobe o ativismo artístico e o ativismo cultural. O primeiro momento é apresentado por meio dos movimentos sociais que ocorreram a partir de uma determinada data histórica, como a luta pelos direitos civis, nos anos 60, o segundo momento pode ser considerado durante as manifestações contra a Guerra do Vietnã, as mobilizações estudantis e a contracultura. Essas séries de eventos constituem-se como referências que se propagam e se tornaram um meio para acionar o ativismo na contemporaneidade.

Independentemente de se considerar os acontecimentos e classificá-los em uma escala de grandes ou pequenos acontecimentos, nada deverá ser considerado perdido para a história, segundo Walter Benjamin, e tão pouco à arte. Beth Moysés, por exemplo, está envolvida com o universo feminino, trazendo para suas obras embates sobre gênero, identidade, abusos, violência doméstica e demais pautas importantes para serem discutidas, assim como a necessária solidariedade e apoio entre as mulheres. Sua investigação artística está ligada à reflexão sobre o aumento do feminicídio no país. Em 2014, Beth Moysés traz dados como uma maneira de reafirmar sua posição e reafirmar sua tese. Coincidência ou não, fato é que o símbolo nacional, tão presente nas manifestações que se seguiram em 2015 e 2016, é colocado pela artista como a lembrança da violência.

Se tratando do esgotamento do conceito moderno de arte e de suas promessas, Adorno apresenta suas percepções quando diz: [...] Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada. A

crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas. Enquanto o espírito crítico permanecer em si mesmo em uma contemplação auto-suficiente, não será capaz de enfrentar a reificação absoluta, que pressupõe o progresso do espírito como um de seus elementos, e que hoje se prepara para absorvê-lo inteiramente” (ADORNO, Crítica cultural e sociedade).

Dessa maneira, como forma de pensar a sociedade sob domínio dos processos econômicos e de um sistema capitalista de forma a abranger todos, Adorno apresenta a concepção de sociedade de forma alinhada às teorias marxianas com perspectiva de uma nova conjuntura social. No artigo “Adorno, leitor de Marx”, elaborado por Torre, o autor elucida que a ideia de sociedade reificada que envolve a argumentação de Adorno advém de uma ideia inicial, muito utilizada pelo autor, que corresponde a ideia do fetichismo do dinheiro e do capital, elementos que exercem, em alguns casos, domínios sobre indivíduos gerando cada vez mais, um maior poder de comando sobre as relações sociais. Todavia, ao atentar-se à forma com que o fetichismo dá forma ao conjunto da sociedade, transcendendo a noção de mero fenômeno econômico, o filósofo húngaro György Lukács propõe o alargamento de tal conceito e passa a tratar da reificação.

Todas essas questões descritas por Adorno (2001) referem-se ao processo de coisificação e unificação da sociedade, na qual o espírito autônomo perde, de certa forma, sua autonomia à medida que as relações cada vez mais se definem pelo domínio do mercado. Adorno, em sua reflexão sobre a lírica, reconhece, a partir de sua referência, Hegel, que “o individual é mediado pelo universal e vice-versa”, nos fazendo acreditar e ter como conclusão que o indivíduo e a sociedade, arte e política, são elementos indissociáveis e se constituem mutuamente. O indivíduo, ao mesmo tempo que é um produtor de cultura, é também produto da mesma, dessa maneira, seria uma via de mão dupla. Essa contradição é retomada pelo autor ao referir-se ao crítico da cultura e sua constante insinuação de que possui a cultura que diz faltar na sociedade; essa questão apresenta insatisfação, sensação de superioridade e desligamento com a cultura na qual ele mesmo está totalmente imerso (ADORNO, 2001). O autor, em sua obra, também

apresenta a forma com que a cultura tornou-se algo verdadeiramente ideológica, tendo nesse caso a definição de “ideologia” como aparência importante para a sociedade, mas por outro lado, sua função permanece, de certa maneira, abstrata.

A resistência da crítica cultural contra a ideologia, é uma própria ideologia por si só, à maneira que permanece como uma crítica apenas. Diante disso, do cenário no qual a vida passa a ser uma ideologia da reificação por si só, o papel crítico deve ser de identificar as variadas manifestações da tendência geral da sociedade através de fenômenos culturais para que seja possível prevalecer os elementos não intercedidos pelo mercado, provendo maior consciência e, conseqüentemente, maior “cultura” (Adorno, 2001).

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Palestra sobre lírica e sociedade**. In. Notas de Literatura. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**, São Paulo: Ática, 2001.

BUENO, Sinésio Ferraz; SANITA, Karina Constancio. **A Relação entre Arte e Sociedade à Luz do Conceito de Autonomia Estética de Adorno**. Trans/Form/Ação, Marília , v. 39, n. spe, p. 155-172, 2016 . Available from . access on 21 Dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0101-317320160005000010>.

CHAIA, Miguel. **Artivismo – Política e Arte Hoje**. Neamp .

FAVARETTO, Celso. **Arte contemporânea – opacidade e indeterminação**. 2014. Rapsodia. São Paulo. FFLCH, Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/106650/105267>>.

GONZADA, R. M. (2017). **As duas faces da moeda: arte e política no regime estético da contemporaneidade**. REVISTA POIÉISIS, 18(30), 147-169.

OLIVEIRA, Alecsandra. **Arte e política, eterna questão**. 2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/arte-e-politica-eterna-questao/>>.

OSORIO, Luiz Camillo. **“Querelas que interessam: Forensic Architecture e os paradoxos da arte e da política”**. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 14, n° 27 (jul-dez/2020), p. 71-91.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** Urdimento. 2018. 2. 107-122.  
10.5965/1414573102152010107.

TORRE, Bruna Della. **Adorno, leitor de Marx.** Sociol. Antropol., Rio de Janeiro , v. 9, n. 2, p.  
519-541, Aug. 2019.